



Semanário humorístico e literário

Propriedade da Empresa do PARDAL

Director e editor: Luís Teixeira Jacinto — Administrador: António Dantas

Redacção: Campo da Misericórdia, 13
Administração: Rua de Paio Galvão, 70



Composto e impresso nas oficinas da
Tipografia Minerva Vimaranesa

Guimarães, 16 de Abril de 1916

Grãos de milho

Quando os lábios coralinos da alvorada beijaram, num primeiro beijo, o bosque em que eu havia adormecido, quando a primeira luz do dia ofuscou as estrelas que com menos brilho resistiam, já o *Pardal*, muito alegre, muito contente, muito *piadista* (o *Pardal* só pia...) andava em procura de notícias para os leitores dêste jornal.

Levantou-se cedo como sempre, molhou as unhas natintado bom chiste, pois as anilinas estão agora tam altas que os pequeninos lhes não chegam, e aí o tendes, bom cumpridor do seu dever, desejo de ver-vos satisfeitos, procurando rir do vosso riso.

Viu muita coisa, soube

muita coisa, e... outras coisas!...

Então?! Não vos assusteis, caros leitores, que *O Pardal* é de segredo.

E demais, quem não sabe que as primeiras horas do dia, e de um dia lindo como o de hoje, são as mais propícias para o amor, para as confidências, para os passeios?!...

Ah! Um passeio pela manhãzinha, antes de nascer o sol, sabe que é um regalo! *O Pardal* conhece-lhe bem o gosto!...

Pois é verdade. Ouvi várias conversas sobre assuntos vários, mas o que mais me prendeu a atenção foi a falta de milho! Há quanto tempo que essa falta existe!

Quem a não terá sentido?

Até eu, *O Pardal*, não posso gabar-me disso, e mais não uso bolsos... é só papo!...

Ouvi. E como *O Pardal* nunca perde ocasião de mostrar-se liberal, bondoso, resolveu logo, sem hesitações:

Há falta de milho?

Pois bem.

De ora avante *O Pardal* dispensa êsse alimento, cedendo-o em favor dos que mais precisam. Não é muito, não, mas grão a grão enche a galinha o papo...

E nada de agradecimentos que o sacrificio é pequeno. Cedo o milho mas ainda me fica o pãoço!...

Pardal.

O Pardal na depenicadela

E nós a pensarmos que aquele amor era duradoiro!

Tenham paciência, por quem são, e por amor à *Pátria* não troquem as costas.

Cheguem, abracem-se, ponham uma pedra em cima de tudo e continuem-se a amar.

Então vá...

Oh! que esquisitos.

Aproveitem que a maré está boa.

Não querem?

Então deixem-me cantar o

Ai... Ai... Ai

Quem 'scorrega também cai

Ai... Ai... Ai

* Não chames mais pelo pai.

*
* *

Queixa-se o nosso colega a «Voz de Guimarães» contra a porcaria de umas cartas anónimas cuja redacção empesta e enoja.

Nós achamos que seja uma patifaria, protestamos mesmo contra o facto, mas pôde crer que por cá também abundam, só com uma diferença:—A nós consolamos a sua leitura.

Passaremos muito breve a publicá-las.

*
* *

Vossas Excelências talvez não acreditem... mas é verdade!...

Os cidadãos açambarcadores do milho tiveram uma ideia genial... piramidal... ultra luminosa...

Ora escutem... ouçam... e vejam que grande pouca vergonha...

Mandaram fazer caixotes semelhantes caixas de vinho, e para fugirem aos olhares do Zé Povinho, espetam com o milho dentro e lá vai...

Que lhes parece... hein?

*
* *

Do «Notícias»:

Paris 12—.....

Noutra sessão espera-se que sejam taxados o pão, a carne, as batatas, os legumes, as frutas secas, o leite, a manteiga, o queijo, os ovos, o gordura, o azeite, etc...

Tudo taxado, com mil diabos, só faltava aos deputados estarem também no mesmo estado,

*
* *

O «Jornal de Noticias», depois de fazer um anúncio da casa Botelho, diz o seguinte:—

O Kaiser perdeu a cabeça ao saber disto.

Também não perdeu grande coisa!

Olha que duvida! Há quem tenha ficado sem cabeça e sem o resto...

*
* *

Os cidadãos não me saberão dizer quando é que a repartição das obras públicas do distrito terá a briosa ideia de mandar reparar aquela beleza da Avenida Cândido dos Reis?

Não!

Pois, caríssimos, já vão sendo horas...

E nós a malharmos em ferro frio.

*
* *

A autoridade administrativa proibiu expressamente, neste concelho, a exportação de casca de carvalho e de outras, de grande aplicação na indústria de cortumes, que no nosso meio se está sentindo a falta daquele produto por motivo do seu açambarcamento.

Consta-nos também que vai ser proibida a exportação de cascas de ovos, de alhos e várias outras cascas e casquinhas...

*
* *

O Pardal para Mademoiselles

A saudade é um sentimento,
Que nos traz máguas e dores;
Quem padece êsse tormento,
No coração tem amores.

*
* *

Suspiro—profunda angustia que rebenta na nossa alma, e se expande pelos nossos lábios, como prova de um sofrer infindo.

*
* *

O verdadeiro *amor* é aquele que nasce do fundo do coração de quem ama, e quando é correspondido por alguém com sinceridade.

*
* *

O ciume é uma prova de amor, que muitas vezes vem martirizar dois corações que se amam num recíproco affecto.

*
* *

A saudade é o silêncio fatal do desespero.

Assim como, ao esconder-se o sol nas purpurinas núvens do poente, uns mantos de ouro resvestem a imensidade, assim também, quando de ti me despedi, a severidade de uma saudade pungente se apoderou inopinadamente deste meu coração que te jurou amor eterno.

*
* *

O amor é uma flor que nasce nos corações amados e aí se consome regado pela fé e esperança.

*
* *

A inveja é um vício sem delite, que atormenta quando se dissimula e desacredita quando se conhece.

Gemidos da nossa lira

Trovas oferecidas ao nosso poético povo

(Cancioneiro para violas e instrumentos de corda e palheta: para instrumentos também de peles e ferrinhos; para dar a afinação precisa o cantador ou cantadeira tem de cantar, sentimentalmente, se não... lá se vai a festa... Clave de sol: tom menor...)

IX

Por teu amor, minha ingrata,
trago o meu peito em torresmos;
há maldizentes que chegam
a maldizer de si mesmos.

X

Secou-me ao peito o raminho
que a minha amada me deu;
p'ra quem não tiver vergonha,
hoje todo o mundo é seu.

XI

Palavras, leva-as o vento,
como bolas de sabão;
quem rouba muito é esperto,
quem rouba pouco é ladrão.

XII

Por mais longe que tu andes
não me saís do pensamento;
com dinheiro, qualquer burro
passa por ser um talento.

J. BREJEIRO.



VERSOS

Eu declaro em verso e prosa
Que não sei o que me passa
Ao vêr-te assim tam formosa.
Tu, és luz; eu, mariposa,
Que nos teus olhos se abrasa.

(Porto—Trad.)

EDURISA.

Sem pés nem cabeça

Noite escura, como escura é a
minha alma. Não sinto o piar do
mocho, mas sim o repenicar de
beijos, além, junto ao cemitério.

—Quem será que, encoberto
pelo manto negro da noite, virá
para estas paragens?

Dois amantes! Duvido bem que
o sejam. Vou ganhando animo,
enquanto que os pés vão ganhando
terreno.

A ansiedade devora-me a alma...

—Serão mortos?...

—Fogos fátuos?...

—Será alguma loira criança que
beija o túmulo do seu amor?

Mais meio centavo de coragem
e eis-me junto da grade, lado nascente.

Coloco o ouvido à escuta, mas
com tanta infelicidade, em cima
do ferro negro e frio, que julguei
que algum cadáver me tivesse
arrancado as orelhas. Recuei um
metro, dois, três, quatro... eu já
nem sei quantos metros recuei.
Os olhos quasi me saltavam das
órbitas.

Passaram três segundos e redobrei de coragem. Avanzo um metro, dois, três, cinco... eu sei lá quantos metros avancei... Volto de novo à grade, mas em vez de encostar a orelha meto o nariz e diviso então oh! visão sublime!... Um raro aos beijos a um sapo... Ora fava.

JACINTO.



O Pardal em ceara alheia

Boa razão

Vai um sujeito um filho baptizar
e diz-lhe o padre em dada ocasião:
—Como é que o petiz se há de chamar?
—Eu gostava que fôsse Violão.

—Violão não é nome de pessoa—
torna, muito sizudo, o bom padrea.
—Mas eu tenho uma filha p'ra Lisboa
baptizada com o nome de Rabeca.

ESSE E ERRE.

O Pardal no dicionário

Almirante—(Vice). O Xico Quim.

Almôndega—Bolo que leva moscas no picado.

Almude—A nossa medida!

Alpiste—O que nós precisamos p'ra alimentar cá o *Pardal*.

Alquilador—Cidadão que trata de bestas.

Alto—(O mesmo que dizer). Não digas mais!

Alvaiade—Droga que serve para tirar as nódoas da cara às sogras.

Alvião—O Bilontra.

Alvorada—Um semanário que já deu o corpo ao creador, mas que nós por êle ainda temos uma paixão.

Alvorço—Jogo, onde o trunfo é paus.

Ama—Menina que já fez, mas agora não faz.

Amado—Como eu sou pelas gentis leitoras.

Amor—Uma coisa que tem picos.

Amarelo—A côr do p...

Amargurado—O tempo que os nossos pais da Pátria passam para ganharem os 3333...

Amassadela—(De queixos)—Lagosta com todos os batedores.

Amáveis—Como nós somos.

Ameaça—Cantiga que já cá chegou.

Amor—Uma cubiça...

Amorfos—Fósforos que se gastam cinco, para acender um.

Ampliações—Retratos feitos pelo Amarelhe e que são um *bijou*. Encomendem e verão.

Ancas—O que muita madama põe, para se fazer elegante.

Animo—Uma coisa que a gente perde quando se fala na guerra.

DR. XABREGAS.



Por não ser pêcego!...

Há dias, depois de jantar, peguei num jornal cá do burgo, o *Vimaranense* — semanário inteligentemente dirigido por o meu amigo Santos, — a fim de saber algumas novidades. Li o artigo do fundo, uns versos e locais noticiosas. Quando num momento meus olhos fitaram a terceira página, entre os anúncios, descobriram um artigo, em tipo miúdo, assinado por o sr. Alfredo Felix que, se não me engano, é meu conhecido.

Intitula-se o artigo — *Ilusões*, — publicado a pedido do seu autor. Vi logo que se tratava de uma estreia no meio jornalístico e, como tal, dei-me ao cuidado de o ler, conhecer o assunto e avaliar literariamente o seu autor.

Li-o e agradando-me tanto, tanto a leitura não o li uma vez apenas: li-o talvez mais de uma dúzia de vezes e não satisfeito ainda cortei-o do jornal, conservo-o na minha carteira e por gentileza para com os leitores do *Pardal* vou transcrever bocados, os mais interessantes, e por certo que hão de rir-se.

Nas *Ilusões* denota-se um amor mal correspondido, infelicidades que acontecem a muito boa gente...

O seu autor é um homem apaixonado que recebeu dissabores da predilecta Julieta.

Ora vamos lá a isto que é uma pressa:

«Viu-me e então admirou-me, num segundo, com desdém e aborrecimento! Rápidamente mudou de posição, dizendo, talvez, para consigo, filosoficamente: Que rapaz nojento, ascoroso e feio!»

Não creio que uma senhora minha patrícia dissesse tais palavras ao senhor Alfredo, [porque o dito (não é para o gabar, longe disso, só a verdade) não é feio, e os óculos dão-lhe uma certa graça ao rosto. O senhor não é feio,

tem indícios de beleza. Por isso, a senhora que disse tais palavras, errou.

Mas quando ela leu estas palavras:

«Pois sou-lhe franco: a senhora é altamente bela, dulcíssima e elegante. Possui uns olhos verdadeiramente fascinadores e enfeitiçadores; um cabelo fulvo, que é raríssimo, e que muitíssimo bem lhe emoldura a face mimosa; enfim, é seductora.»

eu tenho a certeza que já o acha simpático, bonito, atraente.

Depois:

«Se eu fôsse um *dandy*, um janota, como há, felizmente, muitíssimos, seria correspondido com um olhar terno, meigo, de amor; com um risinho amável e ingénio... senão fôsse até brindado com um affectuoso beijo...»

Aquele *felizmente* são mal, devia escrever infelizmente. Com que então, seu lambãozinho, já queria um beijo affectuoso? Isso mais devagar, mais lentamente, não se sobe assim tam depressa a uma pereira, pode escorregar... e ser o diabo.

Aos andares superiores trepa-se de vagar, pausadamente, com todos os cuidados e cautelas, sem barulho, e se fôr às trindades ou de noite, leva-se um lampeão aceso. Boa! Ai não! se não queria. Suponha que se esbarra e que o papá dá por ela? é um pe-rigo.

Mas vamos ao resto:

«Porque não fui dotado com beleza, simpatia e elegância?

Andaram mal em não me dotarem com êsses altos predicados, porque assim serei sempre repellido e ludibriado, pelas galantes donzelas, com desdém e asco.

O único caminho que tenho a meu favor é deixar de frequentar o paraizo das cândidas donzelas.»

Eu compreendo que o senhor Alfredo andou muito mal em escrever *andaram mal em me não dotarem, etc., etc.* porque isso, francamente, é uma ofensa aos pais, e ofensas não se proferem seja a quem fôr, mas principalmen-

te aos pais, nunca. Sim, muito respeito e juizo, porque já tem idade para isso. Também diz que vai *deixar de frequentar o paraizo das cândidas donzelas*. Mas, agora cá para nós, muito baixinho: em Guimarães onde existe o tal *paraizo das cândidas donzelas?*

Olhe que eu habito esta cidade há uns bons 10 anos e não sei onde fica êsse paraizo. Poderá dizer-mo? E' favor.

Termina o seu curioso artigo assim:

«Vou preparar as malas, des-pedir-me dos amigos, e em seguida emigrarei para o deserto... Mas em antes, permita-me que lhe diga: Se vou para essas paragens longínquas, é única e exclusivamente por sua culpa, visto me desconsiderar e aborrecer.»

Sei, infelizmente, que sou feio, nojento. Não tenho culpa, não tenho crime, é, portanto, a vontade de Deus.

4 de Março.

ALFREDO FELIX.»

Com que então vai para o deserto? que pena! Lamento a sua resolução! O senhor diz que vai e eu digo-lhe que não, porque não pode ir, porque tem de ficar aqui no paiz. O senhor tem bom corpo, é forte e a Pátria precisa de braços que a defendam. Portugal é um paiz beligerante, precisa de homens — os seus filhos — e ultimamente, recentemente, pelo ministro da guerra foi decretada uma lei não permitindo a nenhum cidadão de 17 a 45 anos ausentarem-se do continente. Portanto não vai, fica. Quem tem mais de 17 e menos de 45 não pode sair do paiz. O senhor termina por dizer que é feio e nojento. Não o é. O senhor é bonito, ou por outra, não é bonito, é mais: é pêcego!

Tenho a certeza que não come com o desgosto de ser feio e se se vê ao espelho foge numa correria louca.

Pobre môço! Muito juizo e... mais tento na bola!

Ora o pêcego!

UM CRÍTICO BONITO.

O PARDAL NA MUDA

Leitor:

Deixa-nos mudar o bico à nos-
sa pena e despirmos a capa do
humorismo, que sempre enverga-
mos, para hoje gritarmos altisso-
nantes:

Viva a Pátria!...
Viva a Pátria!...
Outro tom mais grave...
Viva a Pátria!...
Agora ainda mais forte...
Viva a Pátria!...

E' este o espírito do português
e o valor da raça.

*E' nos momentos difíceis que
se conhece a alma deste povo que
vive de fé», embora o bacalhau
esteja a 450, «vive desta força
imaterial, que flutua no espaço
e que, subtil e vigorosa, faz vi-
brar as células e põe em agita-
ção os espíritos», os padeiros e
os estômagos, «dá riqueza ao
corpo e enche de entusiasmo o
coração», os açambarcadores que
a pouco e pouco vão explorando
a bolsa ao pobre.*

*«Alma vibrátil e sonhadora,
não vê senão a esperança», a fo-
me, a guerra «que o inspira e lhe
dá alentos e de olhos fitos, não
sabe o que possam ser tristezas
ou decepções, porque a sua tenaci-
dade incomparável se alimenta
de poesia e de ideal.*

*Essa alma magnífica, cantando
saudades sem desalentos, como
canta o fado sem ambições, dá a
esta raça resistência e resignação,
como quem suporta os mais rudes
trabalhos, as mais ásperas difícu-
dades com a mesma singeleza
com que aceitaria... um belo
jantar no Zé Maria...*



—Ora vivam! passem bem!
Cá 'stou na fita, também.

Muita gatinha há, até,
Que me chama: o "P... em Pé."

Mas provar vou ao leitor,
Que mais sou, sou um doutor:

—Um bacharel em direito,—
Que ostenta bonita flor
Cá no buraco do peito.

Como gosto de falar,
Também gosto de jogar...

Como advogado e notário
Vou aumentando ao salário.

Sou nutrido e sou solteiro
E pelo visto afinal,
Repartido o meu dinheiro
Chega a todos um real
Porque bem compreenderéis...
A cada um pode tocar
Pouco mais de... trinta réis!...

Guimarães, 15 de Abril de
1916.

Óscar Diniz.

O PARDAL NOS PENSAMENTOS E DITOS

Tenho tacadas de trezentas carambolas.

Luís Trepa.

Nem com a Juventude, eu consigo cabelo.

J. Pinheiro.

Eu com a canhota vou levando-os no andar.

Zé Neves.

Hei-de ser francófilo, ainda que os alemães me tirem a língua.

José de Freitas.

Não passo de ser cinco réis de gente.

José Gonçalves.

Defendo tão bem um réu, como defendo uma estrada, em moto.

Portas.

Preciso de freguesia...

Albuquerque Dias.

Tiro caricaturas a preços módicos.

Amarelho.

As carapuças do *Pardal* não são melhores do que as minhas.

Moutinho.

Uma partida de dómínó com o compadre... Vale nem sei o quê...

S. Costa.

Pareço um Santo António com o Afonso ao colo.

A. Carneiro.

Vamos ficar com uma porta,... que nem a porta da vila lhe chega.

Cunha & Lemos.

O Nervocithol não tem limites...

Dias Machado.

Vou ao tacho mais de trinta vezes ao dia.

C. Machado.

Aonde há um verde duma cana?

M. Lopes.

Há por aí estrume p'ra vender?

A. Cabanelas.

Tenho a burra cheia (!) só das multas que aplico.

Rochea.



O Pardal na secção de carapuças

III

Tu que vais, todos os dias p'ra igreja bater no peito... Deus sabe as patifarias que por aí terás feito.

Pois certa podes estar que enganarás Belzebuth Co'o teu contínuo resar, mas Deus não enganas tu.

JOÃO BREJEIRO.



O Pardal na galeria

High-Life—O Prisioneiro de Zenda.

Gil Vicente—A aparatosa Ópera em três actos, «*Rosas de Nossa Senhora*» do repertório de José Ricardo, pela Companhia, Correia Peixoto.

Viana do Castelo

Teatro Olimpia—A revista que tam grande successo alcançou no passado domingo «*Fóra dos Eixos*».



O PARDAL CÁ POR CASA

Referências ao nosso *Pardal*

Do «*Norte Desportivo*»:

«O *Pardal*». Recebemos a visita dêste semanário humorístico e literário, que se publica em Guimarães sob a hábil e inteligente direcção do sr. Luís Teixeira Jacinto.

Longa vida e imensas prosperidades lhe desejamos.

Das «*Pontas de Fogo*»:

Temos presente o primeiro número de «O *Pardal*», semanário humorístico e literário que começou a publicar-se em Guimarães e de que é director o sr. Luís Teixeira Jacinto.

Com os nossos agradecimentos pela visita, desejamos ao novo colega um grande futuro e muitas felicidades.

De «*O Republicano*»:

«O *Pardal*», semanário humorístico e literário, dirigido pelo sr. Luís Teixeira Jacinto, a quem, em nome do nosso redactor, apresentamos comovidos agradecimentos pela carinhosa homenagem prestada ao ilustre cidadão vimezanense Eduardo M. de Almeida.

De «*A Comédia*»:

Recebemos o n.º 1 de «O *Pardal*», jornal vimaranense, que se apresenta excelentemente redigido sob a direcção do sr. Luís Teixeira Jacinto, um dos autores da revista *A's aranhas e Fóra dos Eixos*.

*

Ao «*Comércio de Guimarães*» e «*Voç de Guimarães*», agradecemos também as palavras cativantes que nos dedicaram, assim como a toda a imprensa.

Um xi muito apertado a todos, e muito... muito... obrigados.

O PARDAL NO CARNET

Com o concurso das nossas damas, realiza-se hoje a importante solenidade das Dôres no templo de S. Francisco.

E' orador o rev. Avelino Soares, abade de Matosinhos.

*

Acha-se nesta cidade, em goso de ferias, a sr.^a D. Maria da Adoração Araujo Dantas, inteligente aluna do 3.^o ano da Escola Normal.

*

O sr. António de Araujo Salgado, com estabelecimento de modas à rua de 31 de Janeiro, fêz no domingo, na sua vitrine, uma exposição alegórica às nações aliadas.

Primava pela sua bela disposição.

*

Esteve entre nós o sr. Jesualdo Andrade, empregado superior da fábrica de Negrelos.

*

Vai consideravelmente melhor dos seus incómodos de saude o sr. Manuel de S. Boaventura, pai do sr. José Lerdeira, industrial.

*

Com o fim de fazer o sortimento da estação do verão, tem estado na capital o sr. António Joaquim Gonçalves, proprietario da casa High-Life.

*

Foram nomeadas professoras para as escolas das freguesias de S. Cláudio do Barco e Tagilde, dêste concelho, respectivamente, as srs.^{as} D. Clotilde Alice da Cunha Sanches e D. Arminda da Silva Martins.

*

No Liceu desta cidade principiaram ontem as férias da Páscoa que se prolongam até ao dia 24 inclusivé.

*

Tem estado doente do reumatismo o sr. José Pinheiro, co-proprietario da Tabacaria Havana.

*

Esteve nesta cidade, regressando ás suas propriedades em Adufe, Braga, a sr.^a D. Maria Felicidade dos Santos Simões.

*

Foi promovido a 2.^o sargento de infantaria 20, o sr. Pedro Machado.

Parabêns.

*

Foi colocado numa das escolas primárias de Lisboa o sr. Mário Augusto Vieira.

*

O sr. Inspector Primário acaba de enviar aos professores primários officiaes e de ensino livre circulares, recomendando-lhes a conveniência de nas suas escolas despertarem no espirito das crianças o amor pela Pátria.

*

Passou no dia 10 do corrente o 2.^o aniversário do passamento da sr.^a Condessa do Juncal, que legou à Santa Casa da Misericórdia, desta cidade, as propriedades que possuia neste concelho e metade do remanescente da sua herança.

Comemorando esta lutuosa data, a mesa daquela corporação mandou celebrar na sua igreja uma missa de requiem, seguida de responso.

*

Faleceu o sr. Manuel Alves Rente, mestre de corte da nova oficina de calçado do sr. Manuel C. Martins, negociante ao Passeio da Independência. Era natural do Pôrto.



Correspondência

◀ CAIXA ▶

Artur de Matos—Recebemos; tem que esperar por vez.

F. Castro—Desculpe-nos; ainda não pôde ser desta.

Alberto Lemos—Mande, mas de maneira que esteja cá na caixa o mais tardar à quarta feira.

Manuel P. Moreira—Avance com qualquer coisa.

A. Pinto—São coisas de rapazes; faça obra limpa.

L. Sousa—Está tudo coxo; arranje melhor mas primeiro estude.

Mariquinhas—Ora vá-se despir. Nós não tratamos de vida alheia; procure outro jornal.

*

Rogamos aos nossos colaboradores a fineza de nos enviarem o original até quarta-feira.



Várias

Passa a ser nosso assiduo colaborador, o Ex.^{mo} Sr. Eduardo dos Santos (Eduziza) hábil secretario da redacção de «Pontas de Fogo».

*

Fica aberta hoje a Farmácia Dias Machado onde nossos Ex.^{mos} leitores se podem fornecer, além de outros medicamentos, de **O NERVOCITHOL**.



O PARDAL NA SECCÃO LITERARIA

SONS DE ABRIL

*Reparaste no canto murmurante
do pranteado guieiro que descia,
até nós com prosápias de gigante
e a seguir já com terna melodia?*

*E' o canto magnifico e constante
que a terra inanimada a Deus envia,
ora em baladas de levada errante,
ora na aragem pela ramaria.*

*E se ao ver-nos calou o seu rumor,
ou 'scondeu no segredo a sua dôr
êsse guieiro que até nós toava,*

*Não foi por se esquecer de Deus louvar,
mas sim por que também quis escutar
as falas divinais que eu te escutava!*

Abril—1916.

R. E.

DEUS

(Ao Leão Martins.)

*Naquela face doce e macerada
Pela mágua cruel do sofrimento,
Envolta na penumbra magoada
Onde paira a expressão do sentimento;*

*Naquela fronte bela, iluminada
Que o astro luzente do talento,
—Origem duma idea abençoada
Que nos lega o conforto no tormento...—*

*E nessas chagas vis, engangrenadas,
Que findaram a vida preciosa
Do peito em que foram bem rasgadas;*

*Eu venero, meu Deus, a Adoração
Por essa Dor santíssima e formosa
Que nos deu a Bondade e a Redenção!*

Porto—1916.

NOVAIS TEIXEIRA

O que ficou da vida

«Ah, o tempo faz a sua obra silenciosa... Como se a sua lenta poeira me tivesse soterrado a alma, meu amigo!... Assim eu sinto o pêso do meu passado; e, sob êle, a minha alma sufoca pouco a pouco, lentamente, quasi insensivelmente, numa agonia infinita, mas suave. A verdade é que a alma envelhece primeiro. Aos trinta anos, as memórias são já mais numerosas do que os dias.

Ah, o passado nunca é triste: é simplesmente o passado, o que já foi, e que por isso merece todo perdão. Amnístiamos todas as nossas dores e não premiamos nenhuma alegria. Eu, por mim, já não tenho predilecções entre as minhas memórias: aproveitam todas da mesma benevolência. Sou lhes grato a todas; amo-as, porque são a minha vida. Nenhuma me faz corar, nenhuma me faz chorar. Antes, sorrio a todas elas paternalmente. Sim, paternalmente:

quero-as como se fossem filhas da minha carne.

Os sonhos—êsses, são memórias de uma outra vida...

ALMAS IRMÃS

Noite sem lua, oh! como é triste!

Esta tua tristeza escura é mais triste do que um olhar sem luz, um olhar triste de quem já morreu! Quando o dia vai se acabando e te aproximadas vagarosa, sinto tua alma triste repousar em meu coração...

Como és triste e misteriosa, oh! noite sem Lua!

A tua alma e a minha são irmãs no sofrimento das tristezas. Ambas se vestem de preto, o símbolo da dor. São dores de saudades tristes... saudades que temos da luz da Lua—a luz do Amor;...

Eu bem compreendo a tua tristeza e o teu mistério... Eu também sou triste porque tenho um mistério na vida...

Há pouco, após te acomodares no mundo, ouvi os teus gemidos muito surdos.

Meus olhos secos e brilhantes fitaram-se lá no escuro infinito do teu seio. Uma estrela piscou tristemente, de suas pupilas rubras duas lágrimas rolaram tristes, vagarosas, cristalinas...

Os meus tremeram, piscando como a estrela, mas suas pupilas não tiveram lágrimas tristes, vagarosas, cristalinas... as lágrimas secaram-se com a dor das minhas tristezas!

A estrela chorou, suas lágrimas arrefeceram o amargor de sua alma triste...

E tu, noite sem Lua? E eu, coração sem a luz do Amor? Nós não choramos nunca! Nossas lágrimas secaram-se com a dor das nossas tristezas!

Oh! noite sem Lua! Sós não temos a lágrima que dá consolo... é por isso que as nossas almas são irmãs no sofrimento das tristezas...

VIRGÍLIO.